

## UM NOVO OLHAR DE ESTUDANTES PARA A OBRA DE ARTE NOS MUSEUS E EXPOSIÇÕES – PROBLEMATIZANDO A MEDIAÇÃO DAS CÂMERAS DIGITAIS

**Alessandro Varela dos Santos**  
svarela@terra.com.br

Ao levar meus alunos para ver a exposição *Gênesis*, que reúne grandiosa coleção de fotos de Sebastião Salgado, em Porto Alegre, na Usina do Gasômetro, em março de 2014, observei algo novo - ou ao menos interessante para um educador que buscava fruir a arte ou o artefato cultural em seu *habitat* - museus e exposições. Observei que a maioria dos estudantes fotografavam com seus celulares as imagens expostas nas fotos à sua frente. Ou seja, olhavam a fotografia gerando uma nova fotografia com celulares e máquinas fotográficas digitais. Logo que percebi tal comportamento, tentei entendê-lo. Conversei com uma das monitoras da exposição, que me relatou ser comum aquela atitude entre os jovens. De maneira até melancólica, a monitora revelou que a reprodução de imagens nas máquinas (celulares e máquinas fotográficas) impedia que os estudantes enxergassem a exposição com seus próprios olhos. Vislumbrei nesse ato uma possibilidade de estudar o que poderia estar ocorrendo com esses meninos e meninas

que visitavam a exposição. De que maneira eles compreendiam uma exposição de obras de arte ao observá-la através da tela de um celular ou máquina digital? Que fenômeno era esse? Que olhar era esse? Que destino tais registros tinham? Que ângulos ou formas essas reproduções poderiam originar? A curiosidade gerada fez-me percorrer alguns museus na capital gaúcha, com o objetivo de verificar a recorrência de tal atitude. O que observei foi também o ato do registro digital de obras de arte, na maioria das vezes realizados por jovens estudantes, o que acenou para uma questão interessante a investigada.

Os Estudos Culturais em Educação têm uma característica interdisciplinar e de atualidade, que se volta a inúmeros fenômenos que rondam a cultura e estão em constante transformação. Por tentar compreender e questionar essas interações que se baseiam em poder e autoridade, os Estudos Culturais não visam respostas fechadas ou verdades absolutas como resultado, mas sim, partir do entendimento de significados culturais e sua disseminação nas sociedades contemporâneas. Esse é o caso que almejo analisar o que produz essa atitude dos estudante que, ao chegarem em um museu, preferem registrar em sua máquina fotográfica as obras de arte quando deveria se esperar que a fruição estética ocorresse no espaço próprio do museu e diante da versão original da obra? Muitas vezes, o clique da máquina digital precede ao olhar como espectador comum de museus. Que significado pode ter essa imagem para este aluno? Que desejos, prazeres, pressões, modas podem estar produzindo tal tipo de relação entre o observador e a obra de arte?

Como professor de Ensino Fundamental e Médio, e pesquisador dos Estudos Culturais em Educação, dois olhares embasam a pesquisa proposta para minha dissertação. O primeiro, descrito por Walter Benjamin, examina a reprodução da obra de arte através da fotografia. O outro parte do consumo e da instantaneidade aplicada aos tempos atuais exposto no pensamento de Zygmunt Bauman. Esse pôster tem como objetivo expor minha aproximação ao pensamento desses dois autores como inspiração para poder captar, entender e averiguar que olhar pode estar surgindo nesse comportamento de jovens estudantes no contato com a obra de arte submetido à mediação fotográfica pelo uso de câmeras ou celulares.

Segundo Benjamin (2013, p. 53), a obra de arte reproduzida sempre perde algo, “mesmo na reprodução mais perfeita uma coisa se perde: o aqui e agora da obra de arte – sua existência única no local em que se encontra”. Assim, na visão da reprodução da obra de arte mediada pela imagem fotográfica digital, abrem-se possibilidades de uma nova interpretação do objeto fotografado. Ele seria empobrecedor ou se pode pensar em outros fenômenos que agregariam alguns significados novos ao processo de fruição da arte? Poderia surgir, então, um novo ângulo, uma nova perspectiva sobre essas imagens armazenadas que acabam por receber um tratamento por quem as fotografa. Essa apropriação da imagem captada nos museus formam um objeto diferente? Segundo Benjamin (2013), existem mudanças provocadas pela fotografia:

A reprodução técnica mostra-se mais autônoma em relação ao original do que a manual. Ela pode, por exemplo, revelar na fotografia aspectos do original que são acessíveis somente à lente ajustável, que escolhe seu ponto de vista arbitrariamente, mas não ao olho humano; ou, com a ajuda de certos procedimentos, como a ampliação e a câmera lenta, pode reter imagens que simplesmente escapam à óptica natural. (p.54)

Ao reproduzir a obra de arte (a fotografia da fotografia da exposição *Gênesis* de Sebastião Salgado), os estudantes interferem na obra original e podem produzir uma outra obra, retocando-a com efeitos de luz, cortes, contrastes, entre tantas alterações que podem ser realizadas com máquinas acopladas aos celulares ou às próprias máquinas digitais? Seria esse o destino das fotos que fazem? Benjamin (2013, p.58) afirma que “a singularidade da obra de arte é idêntica à sua inserção no contexto da tradição. É claro que essa tradição mesma é sem dúvida algo absolutamente vivo e extraordinariamente mutável”. Podemos pensar então na apropriação da obra de arte pelo aluno que visita o museu ou exposição e faz dela uma imagem digital. Essa imagem passaria uma nova mensagem quando reproduzida que configura uma nova leitura da obra assistida. E essa “obra de arte reproduzida torna-se, progressivamente, a reprodução de uma obra de arte destinada à reprodutibilidade” (BENJAMIN, 2013, p. 59).

A reprodução da obra de arte através da imagem digital pode estimular uma reflexão sobre a apropriação da imagem como objeto de consumo. Pode também indicar prejuízos na fruição da arte em nome de uma obsessão pela posse e fixação, pela urgência do olhar, que vaga por superfícies sem fixar-se. O fato de que os jovens têm

acesso à cultura registrando através de imagens e até mesmo em vídeos (também é usual em shows, câmeras e aparelhos celulares serem utilizados para gravar apresentações de artistas em partes ou até mesmo na íntegra), podem torná-los meros consumidores de produtos culturais. O estudante, ao captar/capturar a imagem da obra de arte antes de admirá-la em seu habitat, tem condições de ver a obra livre do caráter consumista do descarte? A circulação do produto artístico como apenas uma imagem pode nem ser entendida como conteúdo de aprendizado pelo educador. Ou pode ser vista apenas como mais um produto já consumido. De que forma a visita a uma exposição poderia ter caráter pedagógico se a participação dos estudantes naquele local é meramente para tirar fotografias de obras que lhe chamaram atenção?

Tais questões nos aproximam das reflexões de Bauman, situando-nos na sociedade de consumidores (2011),

A nossa é uma sociedade de consumidores, em que a cultura, em comum com o resto do mundo por eles vivenciado, se manifesta como arsenal de artigos destinados ao consumo, todos competindo pela atenção, insustentavelmente passageira e distraída, dos potenciais clientes, todos tentando prender essa atenção por um período maior que a duração de uma piscadela. (p.18)

A instantaneidade proporcionada pela imagem clicada também pode originar a sua eliminação. O que é muito comum na rotatividade imposta pela sociedade de consumo. Quem sabe “a cultura hoje se assemelha a uma das seções de um mundo moldado como uma gigantesca loja de departamentos em que vivem, acima de tudo, pessoas transformadas em consumidores”. (BAUMAN, 2011, p. 20). Esse possível “deletamento” da imagem captada, vem ao encontro de uma sociedade consumista onde a velocidade preza pelo esquecimento e cultua o imediato. O trabalho proposto pelo professor, desde a visita ao museu e o acesso à arte será dificultado se o olhar do estudante não memorizar os objetos culturais e poderá dificultar a memorização. De acordo com Bauman (2000, p.145), “se a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, a modernidade ‘fluída’ não tem função para a duração eterna. O curto prazo substituiu o longo prazo e fez da instantaneidade seu ideal último”. É possível refletir que estamos diante de uma supremacia da imagem como meio de informação e conhecimento em uma sociedade consumidora? Essa mesma imagem

aproxima os jovens estudantes do objeto fotografado com um valor superficial se ele for ignorado, esquecido, negligenciado nos arquivos da máquina digital. Ou mesmo, deletado.

E como fica o professor que planejou um conteúdo a ser trabalhado com os alunos a partir da visualização da obra de arte? De que forma o educador deveria comportar-se diante desse fenômeno contemporâneo de conduta? São questões desse tipo que me inquietam e instigam à pesquisa para esta dissertação de mestrado. Ela busca entender de que maneira o educador poderá se apropriar das imagens obtidas pelos jovens e trazê-las para um contexto onde a informação prevaleça como estudo, respeitando a intencionalidade do autor da obra de arte, os significados que podemos atribuir à obra e sua proposta, o que objetiva o aprofundamento da obra artística e o seu universo de significações junto ao estudante. Até agora, todas as minhas movimentações têm sido para tentar perceber quais os caminhos mais adequados a percorrer antes de chegar às entrevistas com alunos e professores, e quais teorizações contribuiriam para abordar esse fenômeno contemporâneo aqui exposto.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Sobre educação e juventude**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. 1. Ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.